

Elza Pinhão da Silveira

**O prazer na sala de aula:
buscando novas relações pedagógicas na universidade**

**Rio de Janeiro
2001**

Elza Pinhão da Silveira

**O prazer na sala de aula:
buscando novas relações pedagógicas na universidade**

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

Reitor: PIETRO NOVELLINO.
Decano: MARIA JOSÉ MESQUITA CAVALLEIRO DE MACEDO WEHLING.
Diretor da Escola: DAYSE MARTINS HORA.
Chefe de departamento: MÔNICA CERBELLA FREIRE MANDARINO.

O PRAZER NA SALA DE AULA: BUSCANDO NOVAS RELAÇÕES
PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE

ELZA PINHÃO DA SILVEIRA

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação, *Lato Sensu*, em Formação de Docentes Universitários da Universidade do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção de título de especialista em Docência Universitária.

Professora Orientadora: ÂNGELA MARIA SOUZA MARTINS.

RIO DE JANEIRO
2001

SILVEIRA, Elza Pinhão da. **O prazer na sala de aula: buscando novas relações pedagógicas na universidade.** 2001. 45 f. Monografia (Pós-graduação em Formação de Docentes Universitários)-Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

S39 Silveira, Elza Pinhão da.
O prazer na sala de aula : buscando novas relações pedagógicas na universidade / Elza Pinhão da Silveira. - 2001.
45 f.

Monografia (Pós-graduação em Formação de Docentes Universitários)-Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

1. Ensino Superior. I. Título.

CDD 378.125
CDU 378.026

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força que recebi nos momentos de desânimo.

A meu marido e meus filhos por respeitarem meu afastamento nas horas de estudo.

À minha irmã pelas sugestões preciosas e palavras de ânimo, além da demonstração de interesse pelo tema.

Aos amigos de curso que tantas vezes me incentivaram.

Aos mestres que, sem dúvida, proporcionaram conhecimentos valiosos para a elaboração deste trabalho e contribuíram muito para meu aprendizado em educação.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora, professora Ângela Martins, por sua dedicação, interesse e apoio durante todas as etapas deste trabalho.

RESUMO

Trabalhar com assuntos como: ensinar e aprender com alegria, com prazer, mostrando que as relações ensino/aprendizagem, professor/aluno podem ser humanas e prazerosas. Encontrar exemplos de pessoas que conseguiram formar uma imagem da escola, onde a aprendizagem está ligada à alegria e ao prazer, sem fugir da realidade e esquecer das dificuldades. Mostrar que a imagem que formamos da escola e, conseqüentemente, do ensino, está diretamente relacionada às experiências que passamos com nossos professores desde as primeiras séries. Estes são assuntos sempre lembrados e analisados por alguns autores que acreditam na possibilidade de mudança nas relações pedagógicas para que o ensino e a aprendizagem sejam atividades prazerosas. Outros assuntos citados neste trabalho estão relacionados às questões sobre o ensino e suas dificuldades, às relações prazerosas na educação e às mudanças possíveis nas relações pedagógicas, que são relevantes para tentarmos estudar as relações ensino/aprendizagem, professor/aluno. É necessário considerarmos aspectos relacionados à socialização do saber e suas implicações, assim como as dificuldades e os problemas que o ensino enfrenta, para sabermos que os caminhos para novas relações pedagógicas não são fáceis. Estes caminhos devem proporcionar um ensino sempre atualizado, sem desvalorizar o passado e o futuro e ciente que a produção de conhecimento se dá dentro e fora dos muros escolares e as experiências de vida dos alunos devem ser consideradas e respeitadas. Estes caminhos também devem apresentar atividades que aproximem a universidade da comunidade promovendo um ensino alegre e prazeroso nas relações pedagógicas. Buscar novas relações pedagógicas é um desafio permeado de dificuldades, incertezas e obstáculos de todo tipo. Mas cada conquista, cada experiência bem sucedida, cada obstáculo vencido traz muita alegria e esperança para aqueles que acreditam em suas idéias e na possibilidade de realizar sonhos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	RELAÇÕES PRAZEROSAS NA EDUCAÇÃO	14
3	O ENSINO NA ESCOLA QUE TEMOS E ALGUMAS DIFICULDADES	20
3.1	Fatores relacionados com as dificuldades no ensino	20
4	AS MUDANÇAS POSSÍVEIS NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DO ENSINO SUPERIOR	27
4.1	Por que ser um educador?.....	27
4.1.1	<u>Algumas idéias sobre a formação de indivíduos</u>	28
4.1.2	<u>O educador pode ser “formado”?</u>	32
4.2	O que está sendo “pensado” sobre a formação dos alunos	33
4.2.1	<u>Aplicação do estudo ao trabalho</u>	34
4.2.2	<u>A universidade como aliada na formação de cidadãos</u>	35
4.2.3	<u>O trabalho de extensão como facilitador na relação teoria e prática</u>	37
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia está relacionada com ensino/aprendizagem, onde a alegria de ensinar e aprender é a maior preocupação. É muito comum encontrarmos este tema ligado à fase pré-escolar ou ao ensino fundamental, para classes de crianças, mas o ensino universitário também precisa ser prazeroso. *"É o prazer de estudar, de investigar, de perguntar, que faz da educação uma coisa bonita, gostosa, brinquedo, feito empinar pipa"*. (ALVES, 1990, p. 84).

Fazendo a leitura de autores que se preocupam com a alegria, o prazer na relação ensino/aprendizagem, ou professor/aluno, fica bem nítida a idéia de sofrimento que os estudantes passam sobre suas experiências em relação ao aprendizado na escola. Quando os mestres, ou escritores se reportam às pesquisas feitas com os próprios alunos ou com relatos de pessoas ilustres do passado ou presente, descrevendo suas experiências como alunos, é notória a relação que fazem de sofrimento com aprendizado.

Mesmo sem pesquisarmos em livros, mas apenas numa conversa informal com nossos colegas, sejam eles estudantes ou ex-estudantes, podemos verificar que o relato da maioria no que diz respeito a suas experiências como alunos, está sempre ligada a sensações não prazerosas; alegria, prazer ou entusiasmo são citações raras, nem sempre relacionadas ao aprendizado em sala de aula.

Por isso investigaremos como a busca de novas relações pedagógicas servirá como um meio para se alcançar os objetivos deste trabalho, que estão voltados para um ensino e um aprendizado mais prazeroso e alegre na universidade.

A busca de novas relações pedagógicas é importante porque deve nos ajudar a encontrar o caminho para que o ensino seja prazeroso e, conseqüentemente o aprendizado na universidade se "incorpore" ao estudante de modo que ele relacione o conhecimento assimilado com o prazer de aprender.

São muitos os exemplos de situações prazerosas que nos faz sentir alegria só de pensarmos nelas e deste modo fica bem mais fácil percebermos que lembramos destes momentos com facilidade. Se gostamos de uma música, de um

filme, uma peça teatral, uma poesia, uma comida, um perfume... notamos que estas sensações prazerosas passam a fazer parte de nós mesmos.

O aprendizado será mais interessante tanto para alunos como para professores se estiver associado a experiências prazerosas. "*... Assim é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade...*" (ABRAMOVICH, 1985, p.5).

Por isso consideramos que as novas relações pedagógicas no ensino universitário tem como objetivo estabelecer uma comunicação mais alegre e prazerosa entre professores e alunos, e vice-versa, para que o aprendizado não seja alcançado apenas a custa de sofrimento. Despertar no aluno o interesse pelos estudos não só para conseguir uma formação, um diploma, mas também porque esta busca de conhecimento, este convívio com seus mestres e colegas pode ser prazeroso.

Temos que levar em consideração que a fase de preparação para o vestibular, já tirou o sono de muitos alunos e conseqüentemente os deixou com a sensação que estudo e sofrimento caminham lado a lado.

"Um dos papéis essenciais dos professores é o de estabelecer itinerários de continuidade, percorrendo as etapas de um real encaminhamento — e de fazer sentir as alegrias sucessivas de tal percurso".
(SNYDERS, 1995, p.75-76).

Por que os alunos vão para as salas de aula sem entusiasmo ou sem interesse?

Por que não sentem alegria quando vão assistir aula?

O aluno universitário em questão pode ser aquele que terminou o ensino médio e ingressou na universidade, estando, (na maior parte dos casos), na fase de adolescente; ou pode ser um adulto que trabalha e por algum motivo retomou seus estudos e entrou na universidade. O que importa é que em qualquer situação, ou com qualquer idade este aluno está procurando ampliar seus conhecimentos em busca de respostas, de caminhos que o levem para um mercado cada vez mais preocupado em encontrar profissionais "extremamente qualificados".

"Neste sentido, é preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações. A postura acadêmica do professor não está garantindo maior mobilidade à agilidade do aluno (tenha ele a idade que tiver)". (ABRAMOVICH, 1985, p.5).

Refletir criticamente sobre a questão do desprazer na relação ensino/aprendizagem no ensino superior. Apontar caminhos que possibilitem uma relação ensino/aprendizagem prazerosa, são metas a serem alcançadas no decorrer deste trabalho.

Ver a escola, o ensino, a aprendizagem e a relação professor/aluno, como algo sério, aborrecido e distante da vida comum, do cotidiano, nos faz pensar que o prazer e a alegria são sensações que não dizem respeito às relações pedagógicas.

Desde que entramos na escola, ainda crianças, já criamos uma "imagem" da escola a partir do que ouvimos dentro de nossa própria casa e nos lugares e pessoas que fazem parte da nossa vida. Os relatos das pessoas da família, dos colegas, de filmes, programas de TV, etc. Estes relatos nos mostram o quanto foi difícil frequentar a escola, conseguir fazer os trabalhos escolares, as provas, enfrentar os desentendimentos com os colegas, professores e funcionários.

Histórias alegres, experiências prazerosas, relatos da alegria de ir para a escola, de ter entusiasmo, vontade de estudar, de estar em contato com os professores; ouvir histórias sobre a escola, ou sobre a experiência da vida na escola fazendo a ligação desta fase da vida com prazer, com alegria é muito difícil, e não deveria ser.

O que ouvimos mais é o oposto, ou seja, o que marca, o que fica gravado com mais profundidade na vida das pessoas é o sofrimento, a angústia, a decepção, a indiferença, em fim passamos um longo tempo de nossas vidas de estudantes de um modo não prazeroso.

Esta "imagem" da escola começa a se concretizar quando começamos a fazer parte do mundo estudantil. Quando começamos a nos ver como um aluno no meio de muitos outros. Quando percebemos que a sala de aula é um espaço que temos que dividir com outros colegas e como é difícil termos a atenção necessária do professor!

Além disso, começamos a ser "moldados", a freiar nossos impulsos, nossas ações, nosso comportamento, sem esquecermos que estamos ali para aprendermos o que estão nos ensinando, sem esquecermos que seremos avaliados, testados e desde muito cedo nos ensinam que tudo que fazemos agora servirá para o nosso futuro. E o nosso presente, não tem importância? O que estamos fazendo ali, naquela sala de aula, naquele momento, não tem importância?

Apesar do tema desta monografia estar ligado a alunos universitários, não podemos deixar de lembrar desta fase de nossas vidas, onde começamos a estudar, a passar várias horas em contato com colegas e professores, onde formaremos nossa própria "imagem" da escola.

Esta "imagem" que formaremos da escola, também será passada para outras gerações de estudantes.

É importante que tentemos transformar a escola e todos aqueles que passam por ela, como alunos ou profissionais ligados à educação, em um lugar onde o mundo está incluído.

Onde a relação ensino/aprendizagem, professor/aluno, seja uma relação realmente humana. Onde o aluno sinta que sua "bagagem cultural", aquilo que ele aprendeu fora dos muros escolares, também terá importância para a escola. Onde os professores sejam formados sentindo a importância do seu papel de educador atento às transformações do mundo e às marcas que tudo que ele transmite e faz em sala de aula pode deixar na vida de tantas pessoas. Um professor consciente que todas as vezes que entra numa sala de aula, seu trabalho não se resume apenas em transmitir os conteúdos de suas disciplinas, mas que todas as suas ações, tudo que fizer ou disser, deixar implícito ou explícito na sua fala, nos seus procedimentos, poderá formar esta "imagem" da escola que todos nós carregamos para o resto de nossas vidas e também transmitimos para outras gerações.

Os alunos universitários já trazem dentro de si esta "imagem" da escola, onde em grande parte deles, foi formada com "marcas" de sentimentos que não estão ligados à alegria, ao prazer. Mas este aluno não parou de estudar, não parou de buscar os caminhos que o levem para um crescimento pessoal e profissional. Este aluno ainda pode mudar parte desta "imagem" da escola se seus mestres estiverem realmente dispostos a transformar as relações ensino/aprendizagem, professor/aluno, em algo que se conquista com alegria e prazer. Com as mentes

abertas para as transformações do mundo. Ensinar visando realmente o aprendizado. Ensinar sabendo que o aprendizado é uma experiência contínua, que não se esgota.

Se não for deste modo, o ensino continuará a ser reprodutor, sem criatividade, sem alegria, contribuindo para a repetição da "imagem" que se tem da escola há tanto tempo.

Devemos lembrar que, em muitos casos, desempenhamos os dois papéis ao mesmo tempo: como professores e alunos. Dentro ou fora da escola somos aprendizes a vida inteira.

Por que não pensarmos em um ensino onde o lúdico esteja presente nas salas de aula de universitários?

Por que vemos o lúdico sempre relacionado a classes de crianças ou adolescentes e não a alunos universitários?

Por que devemos pensar que o aluno adulto ou quase adulto precisa ser sério, ou precisa achar que sem seriedade o aprendizado não acontece?

Os alunos universitários, muitas vezes, já são pais e mães de família, são pessoas que muitas vezes, já enfrentaram horas de trabalho antes de irem para a faculdade, são pessoas que já estão encarando a vida com tudo de bom e ruim que ela oferece. Estes alunos não precisam de mais seriedade, de mais austeridade ou autoritarismo.

O ensino universitário não precisa mostrar a estes alunos que ali a alegria, o prazer e o entusiasmo pelo aprendizado não fazem parte, ou pelo menos, não têm a importância que deveriam ter.

O ensino universitário deve mostrar a estes alunos que ali ele também pode e deve ser feliz.

Não se trata, evidentemente, de promover um estado de contentamento, de satisfação perene, refratário ao sofrimento e ao erro, numa atitude de alienação frente aos problemas. O esforço para a obtenção da alegria de que se fala aqui inclui quebrar o mito do sofrimento como único valor redentor, autêntico, como o melhor caminho para o aprofundamento pessoal. Pelo contrário, a alegria possui uma positividade fundamental, é o fio condutor da vitalidade e do desenvolvimento cultural.

"Ser reconhecido pelo professor, reconhecido como plausível; os alunos avançam rumo à alegria quando sentem que o professor tem confiança neles, em suas possibilidades de progredir; toma interesse por eles — e sabe situar-se em seu nível intelectual, sem que isso seja um rebaixamento condescendente. Vai ajudá-los a não perder pé durante esses anos em que as dificuldades e as causas de não-alegria são, apesar de tudo, muito numerosas". (SNYDERS, 1995, p.114).

Encontrar autores que escrevem sobre aquilo que nos instiga, que nos deixa inquietos diante do futuro, que encontram palavras e exemplos tão verdadeiros e tocantes é certamente um "presente cultural", um achado enriquecedor para quem acredita que os universitários podem ser felizes na universidade.

Levando-se em conta que esta monografia busca novas relações pedagógicas onde a alegria e o prazer na relação ensino/aprendizagem e na relação professor/aluno é seu principal objetivo, é imprescindível falarmos de Georges Snyders.

Ao se fazer a leitura de Georges Snyders, que com certeza enfatiza a alegria na escola com muita sabedoria, e sem esquecer dos alunos universitários, enfocando vários aspectos da relação ensino/aprendizagem, verifica-se que ele não quer que a escola tenha uma imagem aborrecida, onde os alunos ficam ansiosos pela hora da saída. Ele acredita ser possível construir uma escola alegre, e é em suas pesquisas baseadas em biografias, autobiografias e diários íntimos de intelectuais, cientistas e artistas que o autor em questão, encontrou alguns (não muitos) exemplos de alunos felizes para desenvolver seus trabalhos.

"Desta maneira, é preciso admitir que mais que alunos e professores, em sala de aula, somos colegas que podemos ensinar uns aos outros os tão variados saberes e conhecimentos que sabemos, a partir do que fazemos, lemos, ouvimos, sentimos, conversamos, vemos, trançando nossos conhecimentos em processos que são sempre transversais, mesmo que não o percebamos". (ALVES ; GARCIA, 1999, p.106).

Outra leitura necessária para se desenvolver um tema voltado para a alegria de ensinar e aprender está nos trabalhos de Fanny Abramovich.

Sua preocupação em combater um comportamento estático, formal, repetidor e acumulativo de informações está presente em muitos textos e é sentida de forma muito clara.

Fanny acredita que o processo criativo, na ação educacional, mostra um caminho de crescimento e transformação constantes na relação professor/aluno.

Seu objetivo é fazer com que cada um olhe para dentro de si mesmo e veja o que buscar e trazer à tona para que este resgate de suas experiências os instigue à criatividade.

Outro autor que escreve movido pela paixão é Rubem Alves. Ele acredita que a força dos nossos sentimentos é a responsável pela realização dos nossos sonhos.

Quem já leu algum livro de Rubem Alves sabe que ele não gosta de prefácio. Ele considera seus textos, conversas, e para conversar com o leitor não é necessário prefaciá-lo.

Apesar de falar por meio de parábolas e de modo até muitas vezes romântico este autor nos faz ler, sentindo o texto. Sua maneira de "conversar" lembrando de fábulas e estórias que nos transportam para a infância reforça sua intenção de mostrar que precisamos do amor, do encantamento, do uso dos sentidos para nos dedicarmos às nossas causas. Para realizarmos nossos sonhos... *"Porque sem uma grande paixão não existe conhecimento"*. (ALVES, 1990, p.26).

2 RELAÇÕES PRAZEROSAS NA EDUCAÇÃO

O que seria de nós — estudantes mortais — sem a existência de mestres verdadeiramente sábios e comunicadores de palavras e gestos que mostram, aos seus alunos felizardos, que se pode ensinar e aprender com alegria e prazer?

Graças a mestres preocupados com o "saber viver", com a "contemplação" e a "satisfação pessoal" que alguns alunos do passado, do presente e conseqüentemente do futuro, tiveram, têm e terão uma "imagem" da escola, bem mais alegre, dinâmica e interessada num ensino de qualidade onde a alegria e o prazer caminham lado a lado com o aprendizado e com a relação professor/aluno e vice-versa.

Georges Snyders é um desses mestres. Ele tem a capacidade de alegrar seu leitor com seus textos, comentários, análises e críticas, não só porque leva todos os que estão passando pela experiência da universidade, ou que já passaram por ela, a uma imediata identificação, mas também porque mostra que a alegria é possível na universidade e dá exemplos disso quando faz o estudo da biografia de pessoas ilustres. Estes estudos nos aproximam destas pessoas que tiveram tanto destaque na vida cultural de diversos países, em épocas diferentes, apontando exemplos de felicidade, mostrando-nos como estas pessoas tão ilustres se defrontam com problemas de sua formação — afinal os mesmos que afligem ao estudante comum — e as reflexões que fizeram acerca deles.

Outra característica marcante na obra de Snyders é a relação entre o presente e o futuro do estudante. Ele se preocupa em mostrar que o estudante pode encontrar alegria no presente na medida em que se gosta do que se escolheu e desta forma tira a impressão que tudo que se pode alcançar ou produzir acontecerá apenas no futuro, ele procura tornar válida a relação entre o presente e o futuro do estudante na esperança que nenhum dos dois termos seja sacrificado ao outro. *"Meu sonho é que a Universidade seja vivida ao mesmo tempo como formação profissional e como alegria presente"*. (1995, p.10).

Suas observações em relação à maneira como o professor pode se comunicar com o aluno nos faz ver que ele procura apontar caminhos para tornar a relação professor/aluno mais harmoniosa e alegre.

"De maneira mais geral, o professor, pelo menos o professor ideal, é um homem que não gosta de guardar para si o que sabe, o que descobre... "O professor tem necessidade de um público para que seu pensamento e até mesmo, excepcionalmente, sua emoção se tornem explícitos também para ele mesmo". (1995, p.101).

É muito bom encontrarmos um autor que fala com suas palavras e com sua experiência aquilo que pensamos, que tentamos exprimir e que nos identificamos quando vemos escrito nos livros, muitas vezes de forma bem clara e objetiva aquilo que sentimos. Deste modo nos transportamos para as situações, para as observações e fatos descritos nos textos, como se estes fizessem parte de nossas vidas.

Como a alegria e o prazer de estudar e ensinar é uma constante nos trabalhos de Georges Snyders, fica fácil para o leitor que se interessa por temas semelhantes ao do autor encontrar esta mesma alegria pelo fato de identificar-se com as idéias do autor. Desta forma ocorre uma harmonia entre aquele que pesquisa e aquele que "comunica" e o resultado desta "harmonia" só pode ser feliz para ambos os lados.

Outro "achado cultural", para falarmos em novas buscas pedagógicas, é o trabalho de Fanny Abramovich. Seu trabalho assemelha-se ao de Georges Snyders, porque é movido pela força dos sentimentos humanos sempre considerados, por ambos, nas relações de ensino/aprendizagem, professor/aluno, além de estarem buscando sempre os caminhos de um aprendizado prazeroso, sem se esquecerem dos problemas e dificuldades que atravessam estes caminhos.

A autora defende o dinamismo, a criatividade, a inquietação diante das transformações do mundo, o professor que não tema suas dúvidas, o aluno vivo, inquieto e participante.

"... Mas uma educação onde todos sejam sujeitos atuantes, sensíveis, produtivos e críticos... A questão é escolher entre uma forma de educação compromissada com o estático, com o que se eterniza, com a repetição monocórdica dos padrões aceitos entre os adultos..., e imobilizar o indivíduo neste qualificativo que recebeu... O realizar uma proposta

educacional compromissada com o dinâmico, com o pulsante..., se revendo e onde ninguém tem lugar certo e definitivo..." (1985, p.76).

Uma escola aberta, viva onde o aluno possa ampliar seus referenciais do mundo e trabalhar, simultaneamente, com todas as linguagens (escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, etc.).

Quando Bartholomeu Campos Queirós escreve o prefácio do livro — "Quem educa quem" — (1985) sobre a capacidade perceptiva da autora e sobre as diferenças individuais, ele resume numa frase algo que a autora destaca várias vezes em seus textos e que é oportuno citar agora. *"Diferenças responsáveis pelo aprimoramento do homem enquanto sujeito singular e coletivo".*(p.10)

A autora usa uma linguagem espontânea e clara, chamando a atenção dos leitores, no caso, — educadores — para uma análise de suas práticas pedagógicas, usando suas recordações, suas lembranças. É uma característica marcante, nos textos de Fanny, nos fazer refletir sobre a importância e a necessidade de partilharmos nossas próprias experiências com o que está escrito. Isto acontece porque sua linguagem mantém o tom pessoal de relato de uma experiência realmente vivida e sentida.

Quando a autora escreve sobre as diferenças entre a aula de artes e a da classe, relatando as respostas do questionário aplicado às crianças do 4º ano primário, fica evidente porque ela defende a criatividade, o dinamismo, a inquietação na sala de aula.

"E enfatizaram, quase todos, a importância da liberdade sentida de várias maneiras: o poder falar, o não ser repreendido, o poder soltar suas emoções e tensões, o ter direito de participar ou não da atividade que estava sendo desenvolvida, o ser respeitado... E perceberam a diferença que existe entre estudar e se pensar... Entre estudar e desenvolver idéias... Entre estudar (porque necessário) e gostar!" (1985, p.38).

Apesar dessa experiência ter se passado com alunos de nove e dez anos, o resultado que se notou, poderia ter sido com alunos de qualquer idade, porque o que se constatou foi o conflito entre duas posturas diferentes em educação: a da

professora que separa o saber do prazer... E a da professora que não limita a fronteira entre o gostar e o fazer.

Uma de suas preocupações é com a questão do aprendizado fora da escola — "a escola da vida"— e o aprendizado dentro da Escola. Fanny lamenta que exista uma separação entre ambas. Ela defende uma escola onde o aprendizado se dê com experiências vitais, significativas, ricas e criativas. ..."*Porque a própria leitura proposta não pode ser prazerosa, nutritiva e vivificante..., ao invés de ser mais uma leitura cobrante, mutilada (um capítulo...), difícil (num idioma não dominado ou mesmo mal escrito) e chata?*" (1985, p.49).

Trabalhar com as emoções na relação ensino/aprendizagem, trazer o que foi vivido e sentido fora da escola, para dentro da escola, valorizar a criatividade, o dinamismo, a inquietação de forma prazerosa são características marcantes do trabalho desta autora que nos passa de forma apaixonada tudo que lhe aflige, lhe instiga ou lhe dá forças para prosseguir obstinadamente em sua profissão.

Esta forma apaixonada de trabalhar, escrever e refletir sobre as questões pedagógicas também é sentida nos livros de Rubem Alves.

Logo no começo da leitura sentimos que seu estilo de escrever é muito especial e tem um toque bem pessoal.

"Se cada teoria social é uma teoria pessoal, falar no impessoal, sem sujeito, não passa de uma consumada mentira, um passe de mágica que procura fazer o perplexo leitor acreditar que não foi alguém muito concreto que escreveu o texto, mas antes um sujeito universal, que contempla a realidade de fora dela". (1983, p.29-30).

Os fatos que marcaram sua vida e o modo como introduz suas histórias nos assuntos que desenvolve nos seus textos, tornam a leitura interessante e agradável, mesmo quando o assunto é extremamente sério e portador de observações preocupantes como as comparações entre: professores e educadores; profissões e vocações; pessoas e funções.

Para Rubem Alves o que falta aos estudantes de hoje é uma razão para que eles se apaixonem pela ciência.

"Que me dêem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência. Para isto seria necessário que os cientistas fossem também contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas em torno das quais se ajuntassem crianças e adolescentes, à semelhança do FLAUTISTA DE HAMELIN, feiticeiro, que tocava sua flauta encantada e os meninos os seguiam..." (1990, p.23).

A forma como Rubem Alves nos fala sobre a aprendizagem e como ela deve acontecer, nos faz refletir muito sobre as questões que envolvem este tema.

"Que a aprendizagem seja uma extensão progressiva do corpo..., não apenas em seu poder de compreender e de conviver com a natureza, mas em sua capacidade para sentir o prazer..., a sensibilidade tátil ante as coisas que nos tocam, o prazer da fala..., do riso, da piada... Mas eu creio, que só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer... que é só do prazer que surge a disciplina e a vontade de aprender..." (1990 p.105-106).

Rubem Alves não deixa de tocar também, num assunto que mexe com qualquer pessoa que tenha passado pelos bancos escolares — a dificuldade de aprendizagem. A distância entre o que se fala e o que se vive é um dos fatores causadores desta dificuldade.

"O que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. Um choque elétrico, o calor da chama, o gosto do figo em caldas e catupiri que o Drummond tanto aprecia — aprendizagem imediata. Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais". (1983, p.40).

Para Rubem Alves um dos motivos da dificuldade de aprendizagem aparece porque nem sempre as pessoas que estão "ensinando" sabem fazer seu discurso se preocupando com o "mundo" que seus ouvintes vivem. Muitas vezes o discurso destas pessoas é feito para outras pessoas como elas, usando terminologias próprias de seu meio.

Palavras e expressões como: AMAR, APAIXONAR, SENTIR PRAZER estão sempre presentes em seus textos e à medida que começamos a conhecer as "conversas" de Rubem Alves, também entendemos que estas palavras e expressões

fazem parte de seu trabalho, porque ele acredita naquilo que escreve e faz questão de passar isto para o leitor, para que ele nunca se esqueça que é uma pessoa que tem sentimentos.

Esta característica também é bem identificada nos trabalhos dos autores citados anteriormente.

Educação, humanidade e linguagem fazem parte de um mesmo processo. Não pensamos em Educação, educadores, ato de educar, como coisas soltas, separadas da linguagem, do mundo humano.

Os autores citados têm idéias e maneiras semelhantes de verem as relações ensino/aprendizagem, professor/aluno e a busca por caminhos que tornem estas relações mais humanas e prazerosas.

A postura do professor como um ser humano que ensina e aprende; o aluno como uma pessoa respeitada que ouve e é ouvida. O ensino e o aprendizado exercidos com prazer, não distanciados dos sentimentos que fazem parte das pessoas dentro ou fora da escola.

Apesar de cada um ter seu próprio estilo de escrever, fica marcante a forma destes autores fazerem os leitores se identificarem com suas idéias, suas experiências e observações acerca dos temas ligados à vida de estudantes e educadores.

3 O ENSINO NA ESCOLA QUE TEMOS E ALGUMAS DIFICULDADES

3.1 Fatores relacionados com as dificuldades no ensino:

Não socialização do saber.

Autoritarismo.

Estandartização das aulas.

Como formar para o mercado de trabalho?

Falta de recursos financeiros.

Sabemos que são muitas as dificuldades no ensino e, conseqüentemente, todas as questões relacionadas a ensino/aprendizagem ficam incluídas nestas dificuldades que são discutidas por vários escritores, em seus livros, por professores em suas assembléias e salas de aula e, como não poderia deixar de ser, os alunos também sofrem as conseqüências dos problemas gerados por estas dificuldades.

Algumas destas dificuldades são discutidas com mais freqüência, porque as conseqüências que um ensino de má qualidade pode acarretar para estudantes e profissionais da área de educação, são extremamente prejudiciais para suas vidas.

Os problemas gerados por tantas dificuldades no ensino, contribuem para a formação de uma "imagem" da escola ligada ao "desprazer".

A luta por um ensino de qualidade e acessível a todos os cidadãos deve ser constante para que a escola tenha uma "imagem" ligada ao prazer, a alegria e que esta "imagem" não seja privilégio de uma minoria.

Existem alguns fatores que devem ser lembrados quando se fala em dificuldades no ensino. Estes fatores, apesar de fazerem parte de discussões nos dias de hoje, são sentidos há muito tempo.

Não socialização do saber.

Quando somos alunos, principalmente quando somos alunos universitários, começamos a perceber a diferença das aulas dos professores que compartilham seu saber, que admitem o saber do outro, socializam idéias, experiências e acreditam que possa existir uma relação de troca mútua em sala de aula e aqueles professores que se consideram o próprio saber, impedindo que seus

alunos participem da aula, mas infelizmente, nem todos os professores admitem que são aprendizes. Estes professores não tiveram em suas formações subsídios necessários para questionarem suas próprias competências e refletirem sobre o papel que desempenham, contribuindo muitas vezes para o fracasso escolar.

"O ser humano é, antes de tudo, um ser da vontade, da autonomia, da subjetividade e de liberdade. E a educação tem que considerar estes aspectos sob pena de ser apenas treinamento, adestramento. O professor é um agente neste processo de subjetivação do outro, que é um processo também seu, na medida em que se faz na relação".
(FONTOURA, 1999, p.117).

O profissional que segue a carreira de professor e quer ser um educador, que tem por objetivo auxiliar a formação profissional, o crescimento cultural e intelectual de seus alunos, deve estar consciente e bem informado sobre as dificuldades que enfrentará e seguir seu caminho procurando dar sua parcela de contribuição para que as dificuldades sejam combatidas, formando seres humanos questionadores, críticos e produtores de conhecimento.

"Reconhecer o aluno como interlocutor implica não competir com ele, porque a competição implicaria necessariamente uso do poder da parte do professor. Para tornar-se mestre o professor precisa desarmar-se. Desarmar-se não significa demitir-se, mas apenas aceitar o desafio de não saber (tudo). Aceitar ouvir: interlocução é isso; falar e ouvir".
(LUZ, 1991, p.126).

Autoritarismo.

Quando lembramos de professores que não compartilham o saber, que não reconhecem o saber do aluno, que transmitem os conteúdos teóricos de maneira impessoal, sem levar em consideração a participação ativa dos alunos, associamos suas atitudes ao autoritarismo.

Muitos professores ainda acham que para terem autoridade em sala de aula é preciso ser autoritário, assumindo uma postura que prejudica as relações pedagógicas fazendo um uso errado do sentido de autoridade.

"A autoridade é constituída e precisa ser aceita; ela não faz os educandos inferiores, imprimindo, ao contrário, às suas vidas um sentido mais seguro de caminhada e de conquista. Assim, a autoridade de fato é sempre respeitável, enquanto que a de direito só poderá sê-lo por coincidência". (MORAIS, 1999, p.17)

O autoritarismo tem raízes e se expressa em vários espaços dentro e fora da sala de aula. É uma questão complexa que deve ser analisada por estudiosos de várias áreas porque envolve temas políticos, psicológicos, sociais, educacionais, etc. O autoritarismo aplicado dentro da sala de aula transforma o professor em um reprodutor de informações, porque não permite que o aluno seja original, questionador e não reconhece o saber do aluno.

Estandartização das aulas.

*" We don't need no education
We don't need no thoght control,
No sark sarcasm in the classroom,
Hei, teacher, leave us kids alone,
All in all it's just,
Another brick in the wall".
(Pink Floyd — The Wall)*

(Tradução livre)

*Nós não precisamos de educação,
Nós não precisamos de controle mental
Sem sarcasmos nas salas de aula,
Ei, professor, deixe-nos a sós,
Afinal isto é apenas
Mais um tijolo no muro.*

No "clip" referente a esta música do Pink Floyd — The Wall — vê-se uma sala de aula, onde os alunos entram com suas próprias características e depois de assistirem as aulas extremamente autoritárias, saem como robôs, ou como, a própria letra da música diz, apenas mais um tijolo no muro.

A estandarização das aulas não é apenas mais um fator que pode ser ligado às dificuldades do ensino, ela também está ligada aos outros dois fatores já citados anteriormente: não socialização do saber e autoritarismo. A estandarização das aulas também está relacionada com a disciplinarização da subjetividade e conseqüentemente, com a educação reprodutora que não permite interações horizontais, servindo como exemplo de uma relação não prazerosa entre ensino/aprendizagem.

"Finalmente os alunos foram concebidos e tratados como indivíduos uniformes e não como sujeitos encarnados diversos, sensíveis e criativos ...

Com a estandarização das práticas cognitivas... se exaltaram os valores de homogeneidade, uniformização, serialização, sistematização em ordens lineares, precisão e exatidão. O espaço-tempo da aula leva impressas essas marcas, desde a disposição dos bancos, até os tempos de trabalho e descanso fixados para todos".
(NAJMANOVIC, 2000, p.43).

Como formar para o mercado de trabalho?

Um fator preocupante em relação à formação do aluno para o mercado de trabalho é o conteúdo das disciplinas. Manter os conteúdos paralisados no tempo, como se a produção de conhecimento não fosse uma coisa estática, sem contato com o mundo. Existem tantas coisas para se comentar em sala de aula como: programas de televisão, documentários, filmes, notícias de jornal e desta forma como podemos imaginar uma aula de geografia, história ou biologia, por exemplo, onde só o que se vê nos livros for levado em consideração como conteúdo das disciplinas?

O ensino de qualquer nível, ou de qualquer disciplina deve favorecer ao aluno o aprendizado de coisas do cotidiano e situar esta pessoa no mundo, para que ela possa formar opiniões e também opinar.

"Neste sentido, o quanto os programas escolares preparam o aluno? Às vezes, temos a sensação de que a escola perdeu o contato com o mundo. É preciso que aquilo que acontece na escola, de alguma forma, esteja conectado direta ou indiretamente ao mundo, se não, a escola vira um espaço completamente esquizofrênico".

(COLINVAUX, Jornal do Brasil, caderno Educação & Trabalho, 2000, p.2).

Os estudantes devem estudar e conhecer as teorias e os autores sobre os quais eles lêem, sabendo de que forma essa produção de "conhecimento" se aplica aos interesses e necessidades da sociedade. Este "saber" não pode ser ilusório, frágil, desatualizado ou sem qualquer relação com a realidade.

A formação cultural deve dar uma visão global do mundo e das suas transformações para que os estudantes fiquem preparados para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente e sofisticado onde a criatividade, o espírito crítico e outras atitudes positivas perante o trabalho façam parte do desenvolvimento pessoal e da formação profissional.

"No caso de uma universidade pública, mais que habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, ela deve formá-los para influir sobre a realidade onde vão atuar, numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica da realidade". (FÁVERO, 1996, p.56).

A entrada dos estudantes nas universidades gera expectativas relacionadas a suas formações profissionais que sobrecarrega ainda mais as atribuições que a sociedade, de um modo geral, acredita ser somente da universidade.

O que acontece é que a universidade é apenas uma parte da sociedade e se, ao final do curso o aluno vê frustradas suas expectativas, fica mais fácil culpar unicamente a universidade por isso.

O aluno que entra na universidade precisa ser informado e conscientizado que seu aprendizado para a vida profissional, para seu crescimento intelectual e futura "qualificação" no mercado de trabalho não cessará no final do curso, da faculdade que ele escolheu. Este aprendizado será constante em sua vida e não acontecerá apenas na universidade.

"A escola é alvo de expectativas demasiado grandiosas para que ela possa satisfazê-las — como quando se quer transformá-la no laboratório da paz social, do entendimento entre os povos. Depois do que, atacam-na a ponto de

silenciar sobre seus sucessos, os quais poderiam suscitar-lhe a alegria". (SNYDERS, 1993, p.18).

Falta de recursos financeiros.

A falta de recursos financeiros e os cortes orçamentais das universidades públicas acarretam vários tipos de problemas para o ensino, os quais os estudantes e os profissionais da área de educação já estão bem familiarizados.

Professores mal remunerados cumprindo uma jornada de trabalho sobrecarregada em relação a horários e funções, locais inadequados, falta de recursos materiais, funcionários mal remunerados e sem capacitação profissional adequada, falta de investimento para a pesquisa, etc., gerando uma crise institucional que se mantém há muito tempo.

"Rapidamente o Estado tem vindo a passar da condição de produtor de bens e serviços para a condição de comprador de bens e serviços produzidos no setor privado. Em consequência, a universidade pública... tem vindo a sofrer cortes orçamentais mais ou menos significativos..., ao mesmo tempo em que é obrigada a defrontar - se com a crescente concorrência da universidade privada, fortemente financiada pelo Estado". (SANTOS,1995, p.214).

É necessário considerar que os fatores citados neste trabalho, não são os únicos responsáveis pelas dificuldades enfrentadas pelo ensino nas escolas e universidades, mas servem para exemplificar o ensino que temos hoje e para tentarmos entender como se forma esta "imagem" de "desprazer" na escola, precisamos estudar seus problemas e procurar caminhos para que esta "imagem" possa mudar.

Além do ensino passar por dificuldades ligadas a fatores sociais, políticos, institucionais, profissionais e outros, existem também problemas sentidos pelos estudantes, notados quando fazem parte de turmas muito grandes, ou quando têm horários que nem sempre se ajustam às suas necessidades e outras razões de carácter emocional, como o medo do fracasso, por exemplo.

A questão da tomada de consciência que os estudantes (de um modo geral) se deparam quando ingressam na universidade também pode ser observada

à medida que eles passam a conhecer mais os problemas da sociedade em que vivem.

"Lanços inteiros de ideologias tranqüilizadoras, gradualmente assimiladas durante a adolescência e por vezes a muito custo, desabam, e o estudante descobre a incerteza da ciência, a fragilidade das teorias, confusão à medida que aparece o campo imenso de doutrinas que se confrontam e se contradizem... Descobrir a cultura "superior" é talvez, antes de tudo, começar a ouvir dentro de si todas as misérias do mundo". (SNYDERS, 1995, p.142).

4 AS MUDANÇAS POSSÍVEIS NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DO ENSINO SUPERIOR

4.1 Por que ser um educador?

“Afinal de contas, porque somos educadores e educadoras? Por que dedicamos toda uma existência a essa atividade cansativa, econômica e socialmente prejudicada e desvalorizada, entremeada de percalços?... Tenho uma suspeita: por causa da paixão.

Paixão por uma idéia irrecusável: gente foi feita para ser feliz!

...Paixão pela inconformidade das coisas serem como são; paixão pela derrota da desesperança...; paixão, em suma, pelo futuro... Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidades”.

(CORTELLA, 1998, p.157-159).

A pergunta apresentada no começo da citação deve ser feita por todos aqueles que estudam e vivem os problemas da área de educação sempre que resolvam refletir sobre o papel que desempenham diante de seus alunos e colegas de trabalho.

Qualquer pessoa que conhece a luta diária que tantos educadores e educadoras enfrentam deve fazer esta mesma pergunta e a resposta dada se repete de várias formas, citada por diversos autores, mas com o mesmo conteúdo — paixão.

Só se pode entender a origem de tanta obstinação e vontade para continuar na luta por um ideal, quando se pensa em algo capaz de dar forças para seguir em frente, buscando cada qual o seu caminho, sua conquista, sua realização.

Esta paixão não pode ser medida, conceituada ou explicada, ela apenas é sentida. Como vamos explicar um sentimento tão humano e tão particular?

É muito comum ouvirmos ou lermos a expressão: “movido pela paixão”. A paixão tem o dom de dar movimento, de fazer a pessoa agir, ir de encontro aos seus ideais.

Quantas vezes já se viu e ouviu entrevistas com atores, músicos, escritores, cantores e outros profissionais que se destacaram em suas profissões e quando perguntados sobre o que os fez optar pela carreira, as respostas mais

ouvidas são justamente: “fui movido pela paixão”, ou então: “eu amo minha carreira”, ou ainda: “adoro o que eu faço”.

Muitas destas pessoas, até as mais ilustres e famosas no presente, podem ter passado por muitas dificuldades no passado, podem ter tido vários motivos para desanimar e desistir, mas se continuaram em frente e seguiram suas carreiras se transformando em homens e mulheres realizados profissionalmente declararam que foram “movidos pela paixão”.

Buscar uma educação onde as relações ensino/aprendizagem, professor/aluno se realizam de forma prazerosa, alegre, pode representar algo muito distante da realidade atual, mas será que estes educadores e educadoras movidos pela paixão de ensinar e aprender acreditam na possibilidade destas relações prazerosas?

O educador que sente prazer no que faz, que é movido pela paixão, certamente acredita que possa existir um ensino onde a alegria de ensinar e aprender estejam em sala de aula.

4.1.1 Algumas idéias sobre a formação de indivíduos

“Haverá mesmo um modo de introduzir ardor e entusiasmo nesse mundo universitário dedicado ao mesmo tempo ao conhecimento e à formação dos indivíduos?... A alegria desenvolvida por um ensino verbal e personalizado; a comparação entre a profissão de ator e a de professor ganha aqui todo o seu sentido: A palavra viva e o contato pessoal não são substituíveis pela leitura, assim como uma peça teatral lida não substitui uma peça de teatro representada”. (SNYDERS, 1995, p.107).

Na comunicação que se estabelece nos primeiros contatos entre professores e alunos percebe-se que os professores ocupam um lugar privilegiado e é importante que a alegria seja possível nesta primeira impressão passada pelo professor para que a relação professor/aluno avance, facilitando, desta forma, o progresso quanto às matérias ensinadas e a compreensão dos assuntos tratados.

...“Numa primeira etapa, o professor pode trazer alegria ao aluno simplesmente ajudando-o a estudar, formando-o para o estudo: ensinar a manejar os instrumentos intelectuais,

adquirir as técnicas de trabalho necessárias; saber –fazer, saber–fazer bem; as disciplinas de trabalho, ou mesmo a disciplina da vida”. (SNYDERS, 1995, p.109).

Os educadores são os principais formadores da “imagem” que todos nós fazemos da escola. Esta “imagem” da escola que começamos a formar desde os primeiros anos escolares até a universidade é a que carregamos e transmitimos para outras gerações de estudantes. Daí ser fundamental que o professor seja consciente da importância do papel que ele desempenha dentro da sociedade para ser um verdadeiro educador. *“Penso em Victor Hugo, o discípulo, dizendo ao seu ex-professor: sem o senhor, eu teria crescido pequeno”.* (SNYDERS, 1993, p.179).

Será possível encontrar pessoas (ilustres ou não) capazes de dar exemplos de um aprendizado prazeroso?

Foi baseado nas declarações, entrevistas, autobiografias, diários e outras obras literárias que alguns autores encontraram exemplos de mestres, cientistas, intelectuais, escritores e outros profissionais do passado e do presente que encontraram prazer e alegria nas suas passagens pelas escolas e universidades onde estudaram. Nestes exemplos fica nítida a influência marcante que os educadores deixaram na vida destas pessoas.

Quando tomamos conhecimento das histórias de pessoas que se destacaram em suas profissões é impressionante como estas pessoas lembram de seus mestres mais queridos. Estes mestres são lembrados por suas expressões, o tom de voz, a postura no sentido físico e comportamental, a maneira de dar aula e de se relacionarem com a turma, entre outras coisas.

Estes mestres não são lembrados porque foram “bonzinhos” ou porque foram “legais”, muitos são lembrados porque souberam transmitir seus conhecimentos usando a autoridade necessária, portando-se como mediadores, e não como obstáculos, valorizando e não depreciando seus alunos.

Fanny Abramovich faz alguns relatos sobre — *“Os mestres dos grandes mestres”* (1985, p.88) — citando os comentários dos grandes mestres e de seus alunos também.

Antônio Cândido, um dos mestres citados por Fanny, lembrou de várias professoras que foram básicas em sua vida e falou também do que houve de importante na sua formação universitária.

"Fiz ciências sociais, tendo como professores Roger Bastide e, sobretudo, Jean Mauquë, que foi fundamental... Nos inspirou a todos... Herdamos dele tanta coisa: a presença do marxismo como instrumento de análise, a importância sobre o aqui e o agora; o observar, filosofar e refletir sobre a realidade cotidiana, fossem filmes, livros, amor, eleições... Foi a maior influência intelectual que tive na minha juventude". (1985, p.92).

Esta foi apenas uma das lembranças de um mestre falando de um de seus mestres, mas Fanny também relata as entrevistas que fez com alguns discípulos de Antônio Cândido e registrou relatos sempre carregados de emoção e praticamente unânimes ao falarem de seu profissionalismo, sua acessibilidade e sua honestidade. Teresa derrama todo o seu encantamento por Cândido: *"Ele tem uma simplicidade que impõe, fazendo conviver a formalidade e a afabilidade... Para ele você não é só aluno, é gente!"* (1985, p.94).

Nas conversas com Paulo Freire também há relatos de professoras que marcaram sua vida. *"Áurea me marcou com o uso exemplar da autoridade: nem era autoritária nem era espontaneísta. Nem amedrontava, nem manipulava, tinha uma relação correta, formadora, um rigor bem-comportado cuja impressão guardo até hoje..."* (1985, p.103).

As palavras de sua filha Madalena, que também é professora, deixam bem claras as influências que seu pai, como educador, lhe legou: *"A relação de afetividade com a vida, com as pessoas... O afetivo que anda junto com o cognitivo... E isto vem junto com o prazer, com a paixão, com a coerência..."* (1985, p.107)".

Nas conversas com estes dois mestres ficaram registrados também os fatos marcantes de suas vidas fora da escola. Suas viagens, seus relacionamentos afetivos, seus amigos, suas experiências de sofrimento e alegria, além disso, o que os dois tiveram em comum também em seus depoimentos foi a importância que deram à influência que seus pais exerceram em suas formações.

Os pais desses mestres ilustres certamente souberam transmitir-lhes o valor que a educação tem na formação intelectual, profissional e afetiva de uma pessoa, e eles, como filhos, também souberam assimilar e transmitir para seus discípulos os ensinamentos que seus pais, seus mestres e suas experiências de

vida lhes proporcionaram. Souberam absorver intensamente cada contato e souberam ser aprendizes a vida toda.

É claro que exemplos como estes não são comuns e fáceis de se encontrar, mas é importante buscarmos exemplos assim para renovarmos nossas forças em busca de um ensino prazeroso e alegre. Por meio de relatos desta natureza que percebemos a possibilidade desta busca.

Outro ponto que deve ser observado atentamente nos depoimentos citados por estes mestres, o que conta mesmo nas suas passagens pelos bancos escolares, as marcas mais profundas nas suas formações, foram aquelas deixadas pelos mestres que desempenharam seus papéis de educadores e souberam transformar suas aulas em memórias, ou melhor, em memórias prazerosas.

Nestes depoimentos também se falou do espaço físico onde as aulas aconteciam, da época e do ambiente, e podemos notar que estes fatores também influenciaram no aprendizado destas pessoas, porém estas influências, apesar de lembradas e comentadas, não foram sentidas com a mesma intensidade como o relacionamento destes mestres com seus mestres e seus discípulos.

“Gosto muito de colocar lado a lado estas duas frases de esperança e de cobrança. Uma de Freud: A escola deve proporcionar aos jovens vontade de viver e oferecer-lhes sustentação e ponto de apoio. A outra, de Einstein: A arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento”. (SNYDERS, 1993, p.21).

Não se pode achar que todo conhecimento é produzido na escola. As experiências de vida que cada aluno traz para dentro da sala de aula devem sempre ser levadas em consideração e muitas vezes podem até contribuir para o dinamismo das aulas, porque deste modo a relação professor/aluno fica mais acessível colaborando para a formação intelectual, profissional e afetiva tanto de quem ensina, como de quem aprende. *“Qualquer espaço social pode ser o lugar do aprendizado, do acesso aos saberes e de sua circulação e partilha, inclusive o próprio espaço do trabalho...” (GALLO, 1999, p.35).*

4.1.2 O educador pode ser “formado”?

Ensinar alguém a formar outras pessoas. É realmente difícil imaginar algo assim. Fica parecendo ficção. A impressão que se tem é que deve ser ensinado como se viver! Isto é possível?

Rubem Alves procura uma resposta para esta questão.

Depois que conhecemos suas “conversas”, notamos que suas comparações entre educadores e professores, jequitibás e eucaliptos, vocação e profissão, pessoa e função, fazem muito sentido e nos faz refletir, principalmente quando o assunto é formação de professores e educadores.

Ele dedica uma parte de seu livro: “Conversas com quem gosta de ensinar” (1983), para falar sobre educadores e professores e faz isto de uma maneira brilhante.

Lembrando de suas próprias palavras: “... *todos somos educadores e professores, águias e carneiros, profetas e sacerdotes, reprimidos e repressores*”. (p.18).

Para finalizar ele admite que não sabe como preparar o educador. “*Talvez que isto não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo*”. (p.26).

Referindo-se ainda à preparação do educador, ele diz: “*Basta que os chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos*”. (p.26).

É preciso praticarmos este exercício de reflexão. Nos fazermos perguntas e procurarmos respostas dentro de nós mesmos e com aqueles que compartilhamos nosso conhecimento e nossas dúvidas.

É pretensioso achar que alguém possa ensinar a viver, mas facilitar o acesso ao conhecimento mostrando que muitas vezes as respostas estão dentro de nós mesmos, das nossas experiências, nossos relacionamentos profissionais e afetivos é uma maneira de educar para a vida.

“A educação deve permitir a cada indivíduo encontrar seu estilo, ser ele mesmo, (para além da espontaneidade incoerente, para além das normas prontas e acabadas e dos lugares-comuns), assimilando o que cada cultura ofereça de verdadeiramente humano”. (MORAIS, 1999, p.26).

“Acordar”, “preparar” ou “formar” uma pessoa para a vida é uma tarefa árdua e não acontece apenas nas escolas e universidades, o nosso cotidiano e maneira como assimilamos e transmitimos tudo que nos é ensinado também contribui para nossa própria formação. Cada pessoa deve ser responsável por aquilo que ensina e isto deve valer para qualquer pessoa que pense na educação como um dos caminhos que apresenta possibilidades.

4.2 O que está sendo “pensado” sobre a formação dos alunos

“Compete aquele que lidera seus educandos auxiliá-los a não fazer uma imagem fantasiosa da vida cotidiana, como se esta fosse apenas um grande brinquedo. Para deixar nascer a disciplina não é nem nunca foi necessário sufocar o lúdico ou eliminar a alegria. A vida não é isto ou aquilo, mas é na verdade isto e aquilo”. (MORAIS, 1999 p.28).

Dar ao aluno este tipo de orientação tomando o cuidado de manter o aprendizado prazeroso e alegre é realmente uma tarefa de grande responsabilidade e só um educador, realmente, pode compreender a importância que um ensino praticado com este enfoque pode significar na formação do aluno.

Alguns alunos nem sempre levam a sério seus estudos e, quando se trata de universitários, nem sempre estão verdadeiramente convencidos da escolha que fizeram ao entrarem na faculdade. Estes e outros fatores de ordem pessoal podem dificultar o relacionamento destes alunos com professores e colegas e, conseqüentemente, seu aprendizado e suas formações. Portanto, não devemos considerar que a formação do aluno depende apenas de seus mestres, isto não faz o menor sentido e deve ser esclarecido para os alunos de uma maneira bem direta.

Outro ponto que deve ser considerado é que assim como o educador deve ser responsável pelo que ensina, o aluno também deve ser responsável por suas tarefas. As tarefas e obrigações dadas devem ser discutidas de forma que os alunos compreendam o objetivo da atividade que terão que desempenhar.

Reconhecer que os esforços para cumprir as obrigações serviram de ajuda para suas formações e perceber que seus esforços foram reconhecidos pelos professores, proporcionará uma relação ensino/aprendizagem prazerosa.

“Minha escola está decidida a introduzir essas zonas de autonomia que tantas pedagogias hoje exigem; no plano da organização, os alunos exprimirão suas reações, dirão seu ponto de vista, exporão seus próprios problemas; aprenderão pouco a pouco a entrar em acordo, a encontrar procedimentos de trabalho, não recuarão diante das responsabilidades e das iniciativas a serem tomadas, proporão e participarão das decisões”.
(SNYDERS, 1993, p.109).

Tudo que se pensa e faz em relação a ensino/aprendizado deve ser registrado e socializado para que as experiências que alcançam resultados positivos e reconhecidamente aceitos tanto por docentes como discentes, sirvam de exemplos para outras instituições de ensino e se adapte às situações que cada instituição esteja vivendo, além de considerar-se sempre a época e o tipo de sociedade que esta instituição esteja inserida.

Estar atento ao presente, sem desvalorizar o passado, tendo também a preocupação com o futuro, pode ser mais um caminho que se busca na relação ensino/aprendizagem.

No mundo “globalizado” de hoje, não se pode mais pensar no ensino inadaptado ao presente.

As experiências vividas pelos alunos se referem ao presente ou, pelo menos, a um passado próximo.

“...A história é um movimento pelo qual o passado se mantém e se prolonga no presente e se ultrapassa, se projeta para o futuro.

... Os alunos sentem alegria ao se dedicarem ao atual: assim, eles têm muito mais chances de se sentirem envolvidos, de reconhecerem seus problemas”.
(SNYDERS, 1993, p.147-148).

4.2.1 Aplicação do estudo ao trabalho

Quando os alunos se envolvem desde o início dos cursos com as atividades que irão desempenhar mais tarde, dá a eles uma idéia bem real do que será sua vida profissional.

Isto também servirá como ajuda para que eles saibam se a opção que fizeram foi realmente acertada. O aluno que coloca em prática aquilo que aprendeu em sala de aula, fica mais estimulado e assimila melhor o que lhe foi ensinado.

Esta relação teoria e prática nem sempre é possível logo no início de cada curso, porque cada curso tem características próprias, mas o importante é que as universidades trabalhem sempre com o objetivo de manter esta relação possível e adaptada à realidade de cada curso.

Este procedimento certamente apresentará uma relação ensino/aprendizagem mais dinâmica e prazerosa.

Snyders dá um exemplo disto quando fala dos estudantes de medicina.

“É quase desde o princípio de seus estudos que o futuro médico se acha associado a suas tarefas, toma parte de atividades reais. Em particular, desde os primeiros contatos com a prática hospitalar ele se confronta a um só tempo com a alegria grave da responsabilidade e com alegrias técnicas características de sua profissão”. (1995, p.89).

Este exemplo serve também para outras profissões da área médica como: enfermagem, fisioterapia e odontologia.

Apesar de todos os esforços para que a relação teoria e prática esteja presente no cotidiano dos trabalhos universitários, não se pode querer transformar a universidade em puro e simples órgão de preparação profissional. A universidade tem por tarefa, abrir a cultura do estudante para a vida.

4.2.2 A universidade como aliada na formação de cidadãos

“... Devemos lutar por uma concepção de universidade como instituição dedicada a promover o avanço do saber e do saber fazer; ela deve ser o espaço da invenção; da descoberta, da teoria, de novos processos; deve ser o lugar da pesquisa, buscando novos conhecimentos, sem a preocupação obrigatória com sua aplicação imediata; deve ser o lugar da inovação, onde se persegue o emprego de tecnologias e de soluções; finalmente, deve ser o âmbito da socialização do saber na medida em que divulga conhecimentos”. (FÁVERO, 1994, p.53).

Esta concepção de universidade dá uma noção realmente voltada para a formação do estudante para a vida.

Para se fornecer um ensino de qualidade e formar cidadãos, muitos fatores devem servir como contribuições para a formação de todos que passam pela universidade com a intenção de terem uma formação profissional e um enriquecimento cultural.

Um desses fatores é a relação estreita entre ensino, pesquisa e extensão nos mais variados campos. A importância desta relação se verifica na produção de conhecimento, de tecnologia e cultura.

Para que a universidade cumpra seus papéis e atinja seus objetivos é necessário que se pense nas condições que possibilitem esta formação de cidadãos.

As dificuldades sentidas em relação aos laboratórios mal equipados, ou a ausência destes; bibliotecas precárias; falta de pessoal qualificado; falta de estabilidade orçamentária entre outros problemas, dificultam o acesso ao ensino criativo e voltado para a manutenção das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de criar obstáculos para formar profissionais competentes.

Existe uma preocupação com a recuperação da credibilidade da universidade e esta preocupação fundamenta-se pelas dificuldades existentes para se encontrar as saídas e procurar alternativas para um ensino universitário de qualidade.

Defender a universidade é uma tarefa árdua, mas imprescindível, principalmente para aqueles que acreditam na importância que ela tem na sociedade.

"O conhecimento é, com freqüência, produzido fora das universidades. Leibnitz, Descartes,... Copérnico e uma legião, produziram a dialética do saber fora da universidade. ... Não apenas o conhecimento se desenvolveu fora do espaço universitário, como atritou com a academia. Foi a universidade, entretanto, o espaço de processamento crítico, analítico e de sistematização e integração da ciência e da cultura produzida. A consagração e a difusão passam, essencialmente pelo espaço da universidade".
(LESSA, 1999, p.23).

4.2.3 O trabalho de extensão como facilitador na relação teoria e prática

Antes de pensarmos num trabalho de extensão com a concepção de responsabilidade social e de abertura à comunidade, devemos levar em consideração a comunicação e o entendimento entre o corpo docente, discente e funcionários da universidade.

Todos que lutam e trabalham para que os programas de extensão tenham uma aplicação comprometida com o desenvolvimento das comunidades assistidas por estes programas, contribuindo para aumentar a credibilidade do papel da universidade e sua influência nestas comunidades, devem ter seus esforços reconhecidos e considerados por todos os profissionais envolvidos, sem que a hierarquia de suas funções seja um obstáculo.

A falta de comunicação entre as faculdades de uma mesma universidade é sempre percebida com estranheza pelos alunos recém chegados e até mesmo pelos veteranos e isto não é notado apenas entre os alunos, os professores também sentem esta dificuldade em relação a comunicação e o contato com colegas de outras faculdades.

A promoção de eventos pelas faculdades, envolvendo o corpo docente, discente e funcionários é uma atividade que deve fazer parte das programações das universidades como alternativa para facilitar e até mesmo promover uma relação mais aproximada entre alunos, mestres e funcionários de cursos diferentes. *“A ‘abertura ao outro’ é o sentido profundo da democratização da universidade, uma democratização que vai muito para além da democratização do acesso à universidade e da permanência nesta”.* (SANTOS, 1995, p.225).

Viver a alegria de poder realizar um trabalho unindo teoria e prática envolvendo-se de forma produtiva com professores, colegas e pessoas da comunidade garante ao aluno uma satisfação pessoal fazendo com que ele siga seu caminho com mais confiança no futuro.

“Ter confiança na alegria é também um dever para com o próximo, pois preciso de minha alegria para ficar disponível aos outros — e gostaria de poder convencê-los a participar da alegria, porque ela é aspiração a unir, a comunicar, a partilhar, a desfrutar em comum”. (SNYDERS, 1995, p.17).

Outro aspecto relevante e que deve ser observado com muita atenção, principalmente pelo corpo docente é que os trabalhos de extensão oferecem oportunidades para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos adquiridos e também conheçam o que outros mestres e colegas já produziram, havendo uma troca de experiências e idéias que poderão ser postas em prática valorizando o trabalho de todos os envolvidos e realizando a abertura da universidade à comunidade de maneira responsável e dinâmica.

Tanto os alunos, como os mestres e funcionários sentirão alegria ao verem que o resultado de seus esforços serviram para desenvolver e valorizar comunidades assistidas.

“Entre outros exemplos possíveis, o mais importante foi talvez o da Universidade de Brasília, sob o reitorado de Cristovam Buarque ... Do ambicioso Programa Permanente de Participação Coletiva elaborado pelo Decanato de Extensão, destaco o projeto Ceilândia, constituído por dois subprojetos: O subprojeto de história popular que visa resgatar a luta dos moradores da área e dos lotes residenciais ... e o subprojeto de saúde popular, baseado no trabalho com plantas medicinais ... e farmácia verde e com grande participação de raizeiros, benzedoras, curandeiros, profissionais de saúde, estudantes e agrônomos, etc”.
(SANTOS, 1995, p.209).

Este exemplo é realmente muito valioso porque a troca de conhecimentos desenvolve-se em ambas as partes. A comunicação entre a universidade e a comunidade fica mais estreita e acessível para todos os envolvidos.

Outro trabalho de extensão que já se faz e sua continuidade é muito importante, é realizado por meio de palestras, visitas e excursões feitas entre colégios de ensino médio, principalmente por alunos do terceiro ano, e universidades. Estes eventos servem para divulgar e esclarecer as atividades desenvolvidas pelas faculdades, transmitindo informações para os futuros universitários, servindo muitas vezes para despertar o interesse destes alunos por cursos que eles às vezes não conhecem, ou em alguns casos, já conhecem, mas não sabem muito bem como funcionam.

Os alunos universitários, certamente sentirão alegria ao prepararem e realizarem, por exemplo, palestras para alunos que ainda estão terminando o ensino médio, indo até os colégios, ou recebendo os alunos em suas faculdades.

5 CONCLUSÃO

Ensinar e aprender com alegria, com prazer, transformar a "imagem" chata e aborrecida que temos da escola, em um lugar onde a alegria e o prazer, a satisfação pessoal são possíveis.

Buscar relações pedagógicas em experiências já vividas e registradas por pessoas que souberam assimilar e transmitir seus conhecimentos demonstrando, com relato de suas experiências que a relação ensino/aprendizagem pode ser alegre e prazerosa tanto para quem ensina como para quem aprende.

Oferecer uma educação atual mostrando as idéias e os problemas do presente, dando aos estudantes mais chances de se sentirem envolvidos e ligados ao mundo em que vivem, fornecendo-lhes confiança no aprendizado, sem desvalorizarem o passado e deixarem de pensar no futuro.

Estas questões nos fazem refletir sobre os caminhos que nos levariam a uma relação ensino/aprendizagem, professor/aluno onde a alegria e o prazer de ensinar e aprender estariam incluídos nas relações pedagógicas.

Buscar alegria nas relações pedagógicas na universidade não quer dizer ignorar os problemas existentes, ou deixar de pensar nas conseqüências que estes problemas trazem para o ensino universitário.

Tentar descobrir exemplos de experiências propostas e vividas e os resultados alcançados por quem acreditou nas suas idéias, também pode contribuir para que a "imagem" chata e aborrecida da escola comece a mudar.

Os problemas pelos quais as universidades estão passando nunca devem ser esquecidos ou encarados como totalmente irremediáveis. Eles já fazem parte das discussões acadêmicas há muito tempo e suas conseqüências para as relações ensino/aprendizagem dificultam o trabalho daqueles que querem garantir um ensino de qualidade e conseqüentemente a formação de alunos bem preparados profissionalmente e para a vida. Mas apesar de vermos tantos exemplos de descaso e soluções muitas vezes desastrosas para o ensino universitário, alguns casos de pessoas que formaram uma "imagem" alegre e prazerosa da escola são encontrados e descritos por alguns autores que se preocupam com um aprendizado alegre e prazeroso. Se foi possível para estas pessoas formarem-se em profissionais

competentes e ilustres, apesar das dificuldades enfrentadas dentro e fora dos muros escolares, então não devemos perder as esperanças.

Devemos acreditar na possibilidade de um ensino cujo saber seja socializado, as relações professor/aluno não sejam autoritárias e sim mais acessíveis, possibilitando um ensino mais dinâmico, criativo e integrado ao mundo.

Pensar em mudança e transformação em educação implica refletir sobre a formação de professores realmente conscientes da importância e influência que suas palavras, atos e procedimentos podem ter na vida de tantos alunos.

Estes professores devem ser formados para serem educadores e para que isto aconteça é necessário que se saiba que esta formação não acontecerá apenas na escola. Esta formação contará sempre com a própria consciência deste indivíduo que será responsável pela formação da "imagem" da escola que seus alunos farão.

Para ser consciente de sua formação é preciso refletir sempre sobre as experiências vividas dentro e fora da sala de aula e saber que os alunos também podem trazer suas experiências para dentro da sala de aula.

Pensar em ser educador é pensar em ser responsável pelos seus atos, saber que pode errar e reconhecer seus erros, que pode aprender com os alunos e saber que ensinar e aprender representa uma troca mútua. É estar atualizado e atento aos problemas e aos assuntos que a sociedade enfrenta e trata para que as aulas não sejam apenas um acúmulo de informações.

Estar atualizado e atento aos problemas enfrentados pela sociedade, significa também estar consciente das dificuldades da escola e as conseqüências que estas acarretam na vida de todos os envolvidos.

Para que estas dificuldades sejam enfrentadas, diminuídas e até eliminadas, cada um deve fazer a sua parte, com responsabilidade e perseverança, buscando, pesquisando e aprendendo com aqueles que souberam desenvolver seus trabalhos contribuindo de alguma forma para proporcionar alegria e prazer nas relações ensino/aprendizagem, professor/aluno.

Buscar novas relações pedagógicas na universidade pode ser uma atividade prazerosa desde que o objetivo almejado seja realizar um trabalho comprometido com a alegria e a vontade de ser feliz.

Cada conquista, cada tarefa realizada, cada obstáculo superado, gera alegria, e gerando alegria, aumenta o interesse e a vontade de seguirmos em frente para encontrarmos novos caminhos e possibilidades nas relações pedagógicas.

Acreditar que a física pode aliar-se à dança e vice-versa, como o trabalho desenvolvido pela Companhia Lumini, cujo coreógrafo é um físico. Imaginar a alegria que os alunos de dança e de física têm ao verem este trabalho transformado num espetáculo tão lindo e harmonioso e que proporciona tanta alegria ao público que o assiste!

Acreditar na união de líderes comunitários, professores e alunos de medicina, enfermagem, odontologia, educação física e serviço social, para melhorarem as condições de vida das comunidades carentes levando alegria para tantas pessoas.

Levar alegria é alegrar-se e alegrar-se (numa comunidade carente) é acreditar na possibilidade de mudança.

O trabalho desenvolvido pelos doutores do riso — alunos e profissionais de teatro — juntamente com psicólogos e profissionais da área médica, também é um exemplo onde a alegria provoca mudança. Teatro, psicologia e medicina unidos para a melhoria ou cura de pacientes.

Estes e outros exemplos demonstram não só como encontrar alegria no ensino universitário, unindo teoria e prática, como também esta alegria pode ser empregada para o bem comum nas atividades de extensão.

Uma característica marcante nos exemplos citados é a interdisciplinaridade ou a não-disciplinaridade aplicadas para aproximar a universidade da comunidade, desenvolvendo trabalhos criativos, dinâmicos e democráticos e promovendo a inter-relação de cursos diferentes dentro de uma mesma universidade.

Outro aspecto relevante destes trabalhos é o relacionamento humano que se estabelece entre alunos, professores e funcionários da universidade e as pessoas das comunidades assistidas.

Considerando-se a fase de transição paradigmática pela qual a universidade está passando, devemos levar em conta que o saber fragmentado não encontra mais espaço numa realidade global e multidimensional.

O ensino interdisciplinar e uma educação não-disciplinar são propostas apresentadas para que a universidade passe por um processo educativo adaptado às mudanças de um novo paradigma.

É importante darmos atenção às diversas formas de comunicação que podem ser apresentadas dentro e fora da sala de aula.

Lembrarmos a todo momento que estamos passando por uma fase de transformação, e que devemos agir e pensar de forma global.

Temos necessidade de desafiarmos o novo século, o novo milênio, aceitando, ou pelo menos, discutindo o que este novo paradigma, que é do conhecimento, tem para apresentar.

Precisamos ver este novo paradigma de forma aberta e consciente das transformações, que fatalmente farão parte desta nova "fase", pela qual toda a humanidade já está vivendo.

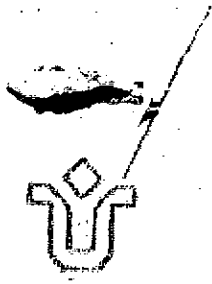
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Quem educa quem? São Paulo: Summus, 1985.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ----- (org.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- ALVES, Rubem Azevedo. Conversas com quem gosta de ensinar. 5. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 1).
- , Estórias de quem gosta de ensinar. 14 ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1990. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 9).
- COLINVAUX, Dominique. Conceito de aprendizagem precisa ser reavaliado. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 out. 2000. Educação & Trabalho, p. 2.
- CORTELLA, Mario Sergio. Conhecimento e escola. São Paulo: IPFreire, 1998.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Produção e apropriação do conhecimento da universidade. In: MOREIRA, Antônio Flávio (org.). Conhecimento educacional e formação do professor. Campinas: Papyrus, 1994.
- , Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.). Formação de professores: Pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1996.
- FONTOURA, Maria Helena da. A formação do professor universitário: considerando propostas de ação. In: CHAVES, Ilduína Mont'alverne; SILVA, Waldeck Carneiro da. Formação de Professor: narrando, refletindo, intervindo. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: Intertexto, 1999.
- GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LESSA, Carlos. A Universidade e a Pós-modernidade: o panorama brasileiro. Universidade e sociedade, Brasília, DF, v. 9, n. 19, p. 15-24, maio/ago. 1999.
- LUZ, Madel Terezinha. O Futuro do ensino das Ciências Sociais: por uma ética pedagógica. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (org.). As assim chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991.
- MORAIS, Regis de. Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula. In: ----- (org.). Sala de aula: que espaço é esse? 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- NAJMANOVICH, Denise. Linguagens, espaços, tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

----- Feliz na universidade: Estudo a partir de algumas biografias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia: O PRAZER NA SALA DE AVILA: BUSCANDO NOVAS
RELACIONES PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE

Autor: ELZA PINTADO DA SILVEIRA

Professor Orientador: Angela M^o Souza Martins

Professor Leitor: Daise Martins Flora

Parecer do Orientador:

O orientanda trabalhou ordenadamente na construção e sistematização de sua monografia, porém não havia praticamente bibliografia sobre seu objeto de investigação: as relações pedagógicas no ensino superior que possibilitam a alegria e o prazer. Dentre das limitações encontradas, a orientanda fez um trabalho de ótima qualidade, com reflexões muito significativas. Por isso, concedo-lhe o conceito E (satisfatório).

Parecer do Professor Leitor: conceito E

Uma discussão bem feita sobre uma questão quase que desconsiderada na universidade. Argumentos sólidos e válidos que nos deixam intrigados. É um convite ao mergulho para novas investigações: mais dados empíricos, quem sabe.

Conceito Final: E

Data: 20/05/2001

Assinaturas:

Angela Maria Souza Martins
Daise Martins Flora